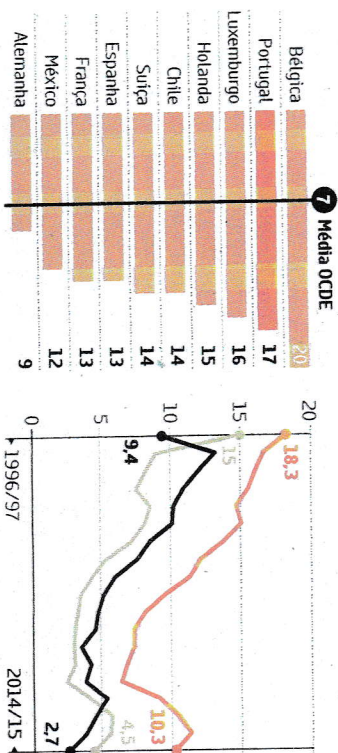


Estudo No interior do país e na periferia de Lisboa há níveis muito elevados de retenção no 2.º ano

40 concelhos chumbam muito mais

ensino : primeiro ciclo

Top 10 países com a maior percentagem de alunos que repetiram pelo menos uma vez



FONTE: OCDE, PISA2015

INFORMAÇÃO

Alexandra Inácio
alexandra.inacio@jn.pt

► Em Portugal, 17% dos alunos chumbam, pelo menos, uma vez no 1.º ciclo - é o segundo pior resultado da OCDE. Um estudo promovido pela associação EPIs-Empresários pela Inclusão e coordenado pela ex-ministra, Maria de Lurdes Rodrigues, revelou que a prevalência de elevados níveis de retenção, especialmente no 2.º ano, não é um fenómeno nacional mas circunscrito a 40 concelhos do interior do país, da cidade e periferia de Lisboa. A pesquisa será divulgada segunda-feira.

A análise, inédita, partiu dos resultados escolares de 2013/2014. Foram identificadas 541 "escolas do insucesso" - estabelecimentos com níveis de retenção superiores à média nacional nos quatro anos de escolaridade do 1.º ciclo. O problema do insucesso regista-se em cerca de 60% dos concelhos do país mas apenas em 40, quase dois terços das escolas atingem níveis recordes de retenção. Por exemplo, na Área Metropolitana de Lisboa, é o caso de Loures, Amadora e Almada, e no Norte e Centro do país, de Mirandela, Idanha a Nova, Penamacor, Sabugal, Vila Velha de Ródão, Seia ou Bragança.

Tratam-se de escolas inseridas em contextos desfavorecidos. "Periféricas" nos concelhos e nos agrupamentos. Em suma, "incapazes de superar as dificuldades que transbordam dos territórios para dentro das escolas", explica Maria de Lurdes Rodrigues, revelando que muitas das escolas visitadas são Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP). Entre 2015 e 2016, a equipa de investigação visitou 127 das 541 "escolas do insucesso". Concluiu que um das principais causas de retenção no 2.º ano é o défice na leitura. O contexto familiar é mais determinante para o insucesso do que as dificuldades de aprendizagem. A esmagadora maioria dos coordenadores e professores (57% e 87% respetivamente) defende a

retenção como única solução.

"É muito difícil encontrar solução numa turma onde 25% têm dificuldades de aprendizagem e 17% vão chumbar. Esses professores não podem ficar isolados", frisa a ex-ministra, considerando que estas escolas sofrem um "processo de marginalização" sem acesso a metodologias e práticas que possam ser alternativas à retenção.

Outro fenómeno revelado é que um problema de ensino-aprendizagem, que conduz a elevados níveis de retenção, transforma-se num problema de gestão - estas escolas agruparam os alunos repetentes em turmas mistas. "A partir daí entra-se num ciclo vicioso" e os docentes passam a "naturalizar" o problema.

Algumas das escolas, quando foram visitadas, já tinham "passado de taxas de 30% de retenção para níveis residuais de 2 ou 3%". "É um sinal de boa esperança perceber que a resolução está ao alcance das nossas mãos". A superação teve passos comuns que servem de exemplo: o diretor reconheceu o problema como sendo do agrupamento e não de uma escola; foi traçado um diagnóstico e uma estratégia de intervenção com o envolvimento dos professores, famílias e o reforço de meios. ●

resposta:

23%

dos docentes elegeram o contexto familiar como a principal causa para se eliminar o insucesso.

Publicidade

YOUR HOME
YOUR
LIFESTYLE

ESPECIAL 1.000€

